

No princípio era o mar... A ubiquidade do materno e a problemática da identidade na alergia (*)

ANA MARIA PINA MARTINS (**)

No princípio era o mar
Tudo era escuro.
Não havia sol, nem lua,
nem gente, nem animais, nem plantas.
O mar estava em toda a parte.
O mar era a mãe.
Ele era o espírito do que estava para vir
e era pensamento e memória.

Mitologia Kogi (Civilizações pré-colombianas)

Alergia. Palavra criada no início do século por um médico austríaco, Clement von Pirquet, provém do grego, *allos* (outro) e *érgon* (acção). Reacção do sistema imunitário, «diferente» e «diferida»: face a um primeiro e aparentemente inofensivo contacto com uma substância estranha nada de assinalável ocorre, é o segundo encontro que desencadeia a manifestação alérgica. O organismo guardou a memória da substância, ao voltar a encontrá-la vai identificá-la e desencadear a crise.

(*) Trabalho realizado no quadro do Doutoramento em Psicologia com Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, ao abrigo do 2.º Quadro Comunitário de Apoio.

(**) Psicóloga Clínica. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

Se a imunização previne a doença, o processo de sensibilização alérgica é o seu prelúdio.

Não existe na alergia uma relação tal que a mesma coisa desencadeie sempre efeito semelhante. De facto, os vários sintomas estão relacionados com diferentes órgãos. Parte das interações moleculares e celulares que constituem a resposta alérgica são similares entre os alérgicos, pese embora as diferenças entre as substâncias que provocam a alergia e os sintomas apresentados. Esta diferença na sintomatologia deve-se, em parte, a que a interacção com o sistema imunitário se processa em diferentes pontos do corpo, e pode ir desde uma simples rinite até ao choque anafilático, de consequências por vezes mortais.

Definindo-se como a capacidade do organismo humano reagir especificamente face à pre-

sença de substâncias do seu meio ambiente constituídas como alérgenos, após a existência de um primeiro contacto sensibilizador, a alergia ocorre quando o organismo reage através da estimulação dos seus meios de defesa e tendo como intermediário o sistema imunitário. Reacção excessiva que ultrapassa uma reacção normal de protecção e que tem lugar quando a substância alérgica penetra no organismo.

Resultado de uma predisposição hereditária e da confrontação com factores favoráveis existentes no meio a alergia implica estas duas premissas. A predisposição para desenvolver alergia é uma característica inata e constitui o terreno alérgico, terreno atópico ou atopia: por assim dizer, uma capacidade exagerada do organismo para produzir defesas específicas, anticorpos, em resposta a substâncias estranhas, os alérgenos do seu meio ambiente.

A alergia é uma patologia que atinge o corpo na sua realidade orgânica. O alérgico debate-se principalmente com a problemática da identidade. Trata-se de uma indistinção eu/não-eu, oposição esta que define simultaneamente a busca de si, busca relacional e o processo imunológico.

É a relação entre os anticorpos e os alérgenos que está na origem da relação eu/não-eu, permitindo colocar a questão pela existência de um isomorfismo em torno da problemática da diferença: manifesta-se também no plano psíquico uma impossibilidade de alteridade, uma dificuldade em nascer, em ter uma identidade.

A existência desta situação define já a presença de um conflito sem saída possível: o sujeito alérgico encontra-se atingido devido a essa impossibilidade de diferença, mas não se pode diferenciar porque isso seria a chave para a precipitação da crise.

O fim é pois o impedimento da diferença. Para o conseguir o sujeito alérgico vai pôr em marcha todo um sofisticado processo defensivo que visa a obtenção de uma familiaridade em geral.

O clima materno é onnipresente. Dá-se uma redução pela qual todas as pessoas tomam o mesmo rosto, o rosto da mãe que é ainda o do sujeito.

É a própria atitude materna que vai favorecer esta dificuldade exercendo um controlo sobre a organização corporal, espaço-temporal da criança. Atitude que vai problematizar a constituição

pessoal destas funções impedindo a autonomia do seu funcionamento psicossomático.

É por meio da experiência sensorio-motora e prática que se exerce uma projecção primordial, sensorial, que vai organizar o conhecimento constituindo o corpo como esquema da representação mental do espaço, do tempo e do objecto. Dá-se ao mesmo tempo uma acção transformadora que equaciona o corpo entre o imaginário e o real, definindo espaços, fronteiras, finitudes, e permitindo um lugar ao sonho e ao desenvolvimento do processo projectivo. São as vicissitudes que concorrem para o impedimento deste processo que vão acarretar graves problemas à constituição daquelas funções.

A existência de um terreno alérgico conjugase na alergia com a particular configuração relacional anteriormente referida como situação de impasse. A evolução psicossomática na alergia, em conjunto com uma acção psicoterapêutica, poderão permitir a possível confrontação com a diferença e com uma situação triangular e, portanto, inflectir a patologia para um contexto edipiano. Ao contrário, a impossibilidade de encontrar uma solução pode conduzir a uma solução de tonalidade psicótica, com uma total confusão entre sujeito e objecto.

É por causa da indissolúvel ligação da aquisição de um espaço e de um tempo pessoais com um sentimento de identidade que é impossível falar dos ritmos na alergia (ritmos relacionais e biológicos) sem que se coloque também o problema do rosto. Com efeito, é o relógio biológico, enquanto elemento fundamental da concatenação do psíquico e do somático, que confere uma importância predominante à relação precoce entre o bebé e a mãe na regulação e sincronização dos ritmos vitais deste. Daqui decorrem espaço e tempo como conceitos fundamentais na organização psicossomática do sujeito.

Adquire-se o sentimento de possuir um rosto próprio na relação com o rosto materno que reenvia à criança a sua própria imagem, processo este cujas origens remontam à primeira angústia experimentada pela criança perante o rosto de um estranho. A emergência da diferença contactada por Spitz e que este denomina como angústia do oitavo mês. A imagem em falta que a ausência de um retorno não devolve. Assim, a perda do rosto da mãe prefigura a perda do próprio rosto.

Devido à prevalência do rosto materno como meio defensivo a personalidade alérgica exclui a percepção da diferença e o outro não é reconhecido na sua alteridade. Também a angústia do oitavo mês está excluída das experiências relacionais da criança alérgica.

CASO CLÍNICO

Lili, de 10 anos de idade, filha de pais estrangeiros, sofre de eczema que lhe provoca um mal-estar muito pronunciado, sofre igualmente de cefaleias das quais não se encontrou causa orgânica plausível. Tem dificuldades em adormecer, em permanecer atenta na escola, e mesmo em brincar. Por isso não brinca com as outras crianças – fica sozinha. Não se diverte – queixa-se. Não escuta as lições – os seus resultados escolares ressentem-se. Não pode adormecer por causa das lesões do eczema, não pode sonhar por causa dos pesadelos.

Quando era pequena tinha asma, desde os 3 meses, e foi um bebé hipotónico. Aos 2 anos e meio teve que ser hospitalizada, isso assinalou o início do eczema. Foi a avó materna a única que a pôde acompanhar durante a hospitalização. A mãe ainda hoje atribui a isso o facto da sua filha se ter salvo e entrega à sua mãe as decisões importantes acerca da educação da criança. Os aspectos depressivos que envolvem a mãe e a sua indisponibilidade também aqui se podem fazer sentir.

Com 8 anos a mãe faz uma viagem prolongada que a afasta de Lili. Mais tarde esta reúne-se-lhe mas devido a questões de legalização de residência a menina é instruída para simular a ausência da mãe no país de origem. Isto marca o início e o posterior agravamento das cefaleias da criança.

Existe em Lili um terreno alérgico – a mãe é asmática, e uma situação relacional que se desenrola em torno de momentos mais ou menos prolongados de separação: as situações de desinvestimento materno ou de afastamento real desta figura. Esta situação assinala já a presença do impasse: a mãe está ao mesmo tempo presente e ausente, uma presença demasiado ausente e uma ausência demasiado presente. Nem a satisfação afectiva nem a separação se tornam possíveis.

A criança vai reagir de diferentes maneiras: pela alergia, que se manifestará nos planos cutâneo e respiratório, ou pelas dores de cabeça que, parecendo revestir-se de uma forma conversiva, permitem colocar contudo (devido à estranheza e inquietude associadas) a questão da sua associação com sentimentos de despersonalização e estranheza em relação ao rosto próprio. O impasse manifesta-se também nesta variabilidade sintomática.

O ritmo vigília/sono está alterado. A criança ressona, grita e acorda de noite. Não gosta de sonhar. Tem pesadelos assustadores onde sonha que a mãe e o pai estão doentes ou mortos e que vai ficar sozinha: a criança a braços com um conflito em torno da impossibilidade de separação cujos termos não apontam para uma saída possível.

Um dos pesadelos que se repete há mais tempo: «*uma pessoa grande que toca e fica no corpo*» e que lhe vai bater, sufocá-la. É então que ela grita. Este controlo sobre o corpo e a respiração relembra o conceito de super-ego corporal de que fala Sami-Ali.

Na leitura e na escrita faz erros frequentes por inversão de sílabas. O sistema métrico e as noções de grandeza e de lateralidade causam-lhe dificuldade especial, sendo a problemática do espaço e do tempo que aqui se configura. É desajeitada no seu corpo e, se bem que dextra, tem que se servir de um truque para reconhecer a direita e a esquerda, quando aperta as mãos os dedos da mão direita produzem estalidos característicos. Também o reconhecimento espacial é feito em espelho.

A mãe da Lili nunca lhe fala na sua língua materna, com consequências certas sobre o domínio da elaboração dos afectos pela menina.

Durante a sua psicoterapia fez um dia um pequeno poema que, para além dos aspectos depressivos que também envolvem a criança, permite reconhecer essa característica particular do seu funcionamento que é a eliminação das diferenças e a redução ao idêntico. Essa reunião de contrários que indica como que uma prevalência e ubiquidade do materno, tornando-se assim os opostos possíveis de coexistir: «*Que bela noite! / Que bela noite e que belo sol tão brilhante! / As estrelas brilham no céu. O sol brilha! / Os passarinhos voam cantando canções de alegria e*

de tristeza. / O sol brilha, a noite está escura. / As estrelas iluminam a terra.»

Rorschach: O teste de Rorschach é utilizado com o propósito de ajudar a compreender a organização espaço-temporal em causa, as modalidades defensivas da criança, as suas possibilidades de ligação entre o interno e o externo, a «realidade real» e a «realidade imaginária», e a sua capacidade de elaboração afectiva.

O estudo da organização espaço-temporal funda-se em dois pressupostos: a existência de uma projecção sensorial, primordial, que funda a emergência da constituição espacial e do objecto, enquanto pertencentes aos campos do real e do imaginário – «o mecanismo projectivo está inserido na matéria sensorial (...) que lhe permite quando o princípio do real se põe a funcionar, constituir-se à parte como um processo imaginário» (Sami-Ali, 1970, p. 197); e o papel desempenhado pelo corpo próprio como fornecedor do esquema mental das representações de espaço e tempo.

Estes pressupostos justificam a função sintetizadora do corpo como mediador da actividade projectiva e do mundo do imaginário. «O corpo próprio mediatiza a passagem da actividade perceptiva àquela que encontra no sonho a sua expressão mais adequada» (Sami-Ali, 1977, p. 84).

O tempo cria-se na relação, através dos ritmos biológicos e relacionais, e vai-se organizando num tempo corporal. O espaço estrutura-se a partir de uma projecção sensorial que permite a elaboração das distinções de dentro e fora, alto e baixo, à frente e atrás, à esquerda e à direita. Esta projecção vai dar origem à representação, que não pode ser desligada de toda a experiência corporal.

A construção da representação mental e do imaginário assenta na experiência corporal. Existe pois uma evolução de um espaço sensorial para um espaço de representação simbólica.

Resulta desta breve exposição que as dimensões a procurar no Rorschach não se podem confinar ao estudo dos conteúdos projectivos na articulação entre o latente e o manifesto já que, na alergia, é a própria génese das funções psicossomáticas

do espaço e do tempo que está em causa. Além do conteúdo (da ressonância ao conteúdo latente) importa então a forma.

Análise cartão a cartão:

I

«Uma abelha». «Um mosquito». A dimensão transferencial que se desprende do conjunto de respostas a este primeiro cartão revela uma reacção à proximidade relacional que faz acentuar a friabilidade dos limites. Os conteúdos que de outra forma teriam podido pertencer a um registo simbólico ligado à agressividade estão aqui ainda muito próximos da corporalidade: podemos ver a efracção, a picada, a sensibilidade cutânea.

A insistência na «cabeça» (e pensamos no rosto como lugar de identidade) far-se-á sentir ao longo de todo o protocolo. E a criança fala aqui da «cabeça» como forma de encontro de uma representação: «A mosca», «A mosca também tem esta cabeça».

A inexistência de uma especificidade ao nível da identidade produz a possibilidade de fazer recurso a referências de carácter não específico. E: «Parece também um mosquito», «Porque mosquito também tem isto assim» (Falando das pequenas manchas no detalhe lateral).

A igualdade entre o pequeno e o grande, o «mosquito» e o «falcão» assinalam a existência de um espaço onde os continentes e os conteúdos podem ter um encastoamento recíproco.

Finalmente o «pássaro» que se torna um «falcão». Surgirá explicitamente em seguida o carácter ameaçador desta imagem que é também o traço de um super-ego corporal que constrange o corpo sendo ao mesmo tempo o seu organizador. O impasse vivido por esta menina encontra-se já no conjunto destas respostas.

II

No segundo cartão encontra-se a representação de um conteúdo que tem lugar simultaneamente numa parte e em toda a figura: «Uma borboleta» que tem o «corpo» no detalhe branco central, que está ao mesmo tempo completamente contida no detalhe vermelho inferior, e que assumirá logo as dimensões de toda a mancha, no seguimento da resposta, com os eixos hori-

zontal – direita/esquerda (as «asas») e vertical – alto/baixo («o pescoço»/«o rabo») tentando serem bem definidos.

III

A mobilidade dos conteúdos, que não se mantêm de nenhuma forma, é surpreendente neste terceiro cartão.

A «cabeça», de novo na primeira resposta, e depois uma oscilação entre as percepções ao nível das partes superior e inferior da mancha compreendendo conteúdos parciais. Pequenos pedaços de realidade tentando colmatar o encontro de uma identidade insatisfatória e de uma projecção corporal que se não pode constituir na sua integridade. Funcionam também como elementos dispersos de um pensamento ainda não regido por movimentos efectivos de elaboração simbólica.

Assiste-se ainda ao aparecimento de um processo onde a parte é tomada pelo todo.

Compreende-se como a conduta de elaboração projectiva é intensa e quase constante.

IV

O centro da imagem é interpretado como se tivesse havido antes uma proximidade demasiada que conduziu ao aprisionamento no objecto.

V

Esta banalidade conduz ainda a uma absorção pelo objecto, que é o sujeito absorvido pelo objecto, que é o sujeito... Daí o carácter sucessivamente ameaçador e inofensivo dos conteúdos: «um pássaro», «um falcão», «uma gaivota», «um falcão».

VI

No sexto cartão surge uma outra manifestação da problemática do espaço e da identidade. A dificuldade de integração das referências ao nível corporal: ou é «a cabeça» de «uma mosca», ou então «o corpo» de «uma borboleta».

VII

É interessante esta expressão: ele «também tem essa cabeça, mas o corpo não».

A problemática do todo e da parte (o grande detalhe ou o detalhe inferior), do grande e do pequeno («um cão» e «uma abelha»).

VIII

Esta resposta, «uma borboleta» – a cor foi importante «porque a borboleta são várias cores», lembra curiosamente o que Andy Warhol dizia ao falar dos seus retratos de Marilyn Monroe: «Isso são cores bonitas».

IX

A apreensão imediata da cor é feita com um carácter tangível e a interpretação da localização dos conteúdos, «os ramos» e «a flor», coloca a questão da identidade.

X

Finalmente o último cartão assemelha-se ao primeiro. Também a sua situação, o seu lugar na relação entre sujeito e objecto. A continuação do impasse: a proximidade ameaçadora, o impossível afastamento. Vemos de novo a sensibilidade ao nível cutâneo, o registo corporal: «uma aranha», «a que anda pelas paredes» e a sua teia, essa «que faz uma coisa assim (...) que se tem de tirar».

Análise Quantitativa: O traço que mais se salienta na verbalização é o de uma ruminação que mostra a sideração em que a criança se encontra envolvida quando se trata de conferir uma forma às manchas.

A apreensão é, maioritariamente, na globalidade, mesmo nos cartões de configuração bilateral: apreensões globais simples e imediatas ou com grande participação de uma confabulação resultante do sincretismo da percepção e que tem a ver com uma dificuldade relacional acentuada, bem como com uma problemática respeitante à identidade.

A abordagem é feita quase exclusivamente por intermédio do registo formal. A associação de outros determinantes perfaz a totalidade das respostas mas nem por isso permite aumentar o nível de ligação ao real. Existe de facto uma grande desadequação neste campo que tem a ver com uma difícil tentativa de constituição de um corpo inteiro.

Os conteúdos animais caracterizam a quase totalidade das respostas, traduzindo a importância do deslocamento em detrimento dos conteúdos humanos que são em número quase inexistente. Apesar disto o número de banalidades é

considerável (tem quase todas as banalidades principais) revelando conformidade projectiva.

O T.R.I. é coartativo, apenas com uma leve expressão do pólo cor e a ressonância à cor assume muito pouca importância neste protocolo. Isto traduz uma grande restrição do imaginário.

Análise Qualitativa: A problemática que aqui se joga tem a ver com a identidade, acompanhando-se de alguma angústia que pesa sobre a integridade com a possibilidade da aproximação a um espaço relacional. Ela tem de ser preservada quando face ao outro pois é posta em risco por uma agressividade potencial que a relação implica. Joga-se aqui uma necessidade constante de construir uma imagem de si integrada e inteira, a que dificilmente é dada uma resposta satisfatória.

O afastamento da realidade é mais saliente quando está em jogo a constituição de uma imagem de si bem delimitada face ao outro.

Apresenta uma agressividade de carácter oral predominante, num registo que se situa entre o viver-se, na sua integridade, face a uma imagem materna que pode apresentar o risco de ser englobante, absorvente e, simultaneamente, a sua posição de dependência oral passiva e carência narcísica, apesar de esta imagem ser sentida como invasora.

As angústias quanto à sua integridade conduzem a atitudes de passividade e retracção narcísica ou idealização que não demonstram ter valor de desimpedimento, acentuando-se quando face ao directo apelo relacional e conduzindo a problemática à possibilidade de destruição, do próprio ou do outro.

O tempo parece não ter um fluir, ser imutável.

Fica muito patente o carácter de evitamento fóbico da relação e a necessidade de controlo que se revela muito difícil pois os mecanismos de defesa são pouco operantes (são postos em jogo mecanismos de defesa pelo recurso e controlo da realidade: evitamento, isolamento, ruminação, formação reactiva, denegação, hesitações e justificações).

A imagem viril apresenta aspectos inquietantes. A posição activa comporta um carácter fóbico e aspectos de analidade (difícil integração do passivo/activo).

A não manutenção de um ponto de vista está-

vel e autonomizado revela a grande imprecisão da identidade.

É interessante notar que o bestiário predominante é aéreo e situa-se basicamente em cartões de configuração inteira, o que parece reflectir aqui o jogo de uma problemática em torno de uma autonomia da respiração, uma identidade externa que organiza o corpo e não permite a separação.

Apresenta por vezes a possibilidade do recurso à fantasia, que se revela operante embora limitado.

Assinalam-se por fim dois aspectos deste protocolo: os conteúdos que, a nível do bestiário (como já foi apontado), são predominantemente compostos por animais do ar, insectos e pássaros; e a proximidade com a pele que se destaca de conteúdos tais como «a abelha» e «o mosquito» e se adensa com essa «qualquer coisa» constituída pela «aranha» «que se tem de tirar». (Oportunamente se aponta o nosso entendimento de que a leitura de um protocolo projectivo deve ser feita em conjunção com o relato dos sonhos ou das outras produções do sujeito. Sustentamos esta afirmação baseando-nos no mecanismo da condensação).

Poder-se-ia dizer como conclusão: a captura num espaço que não é o seu, num ritmo que não lhe pertence.

Qualquer coisa de excessivo, «que fica no corpo». E lembremos as palavras desta criança a propósito do seu pesadelo: (...«uma coisa que toca e fica no corpo»).

Tudo isto é a marca de uma sensibilidade toda particular nesta criança que teve asma e tem agora um eczema. Uma sensibilidade ao nível cutâneo e ao nível respiratório: Uma projecção que se sucede e não consegue senão um esgotamento do sujeito devido ao excesso de tensão provocado pela multiplicação das referências exteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Sami-Ali, M. (1970). *De la projection. Une étude psychanalytique*. Paris: Payot.

Sami-Ali, M. (1977). *Corps réel - Corps imaginaire. Pour une épistémologie psychanalytique*. Paris: Dunod.

Palavras-chave: Psicossomática, alergia, identidade, projecção, Rorschach.

RESUMO

A autora usa o Rorschach para procurar as qualidades do processo de construção da identidade na alergia tal como são estudadas em psicossomática pelo modelo multidimensional de Sami-Ali.

Este procedimento é apresentado como uma nova forma de conceber a projecção interpretando as produções Rorschach com o objectivo de considerar as suas dimensões corporais para além de uma forma simbólica de leitura.

Acentua-se a prevalência da figura materna como a principal característica da dimensão relacional desta patologia dando-se-lhe o nome de ubiquidade materna.

ABSTRACT

The author uses the Rorschach to search the qualities of the identity process in allergy as they are studied in psychosomatic by Sami-Ali's multidimensional model.

She presents this procedure as a new form of conceive projection by interpreting the Rorschach's productions in order to consider their corporal dimensions beyond a symbolic way of reading them.

By doing so she stretches the prevalent mother's figure as the main characteristic in the relational dimension of this pathology, naming it maternal ubiquity.

Key words: Psychosomatic, allergy, identity, projection, Rorschach.

ANEXO

Protocolo de Rorschach

I +++ 1 - Um bicho +(l)+ 2 - Uma mosca. Parece uma mosca. 3 - Parece também um mosquito... 4 - Uma abelha! + (Posso guardar?) Não! +++ (Olha de lado) (l) É uma abelha... É uma mosca. 5 - É um pássaro, (Vira os olhos para cima e fica a pensar). (l) (Sorri). Parece um falcão. +++ É um falcão	(G) É uma abelha. Porque a abelha... porque quando eu venho para aqui eu penso logo que é uma abelha (?) As asas (gesto com os braços de voar). A mosca também tem esta cabeça (aponta Dd central sup.) Porque mosquito também tem isto assim (Dd raros - pequenas manchas E em D lnt.). (G) Porque o falcão também tem essas asas. (Conta que viu um quando foi com a escola ao Jardim Zoológico).	Choque G F - A →Kan Dd/G F - A Dd/G F - A G F - A →Kan G F Clob A Ban
II 6 - Uma borboleta... Uuu... Faz lembrar uma borboleta.	(G(bl)) Corpo (Dbl); a borboleta (D verm. inf). (?) Uuu Assim! Porque a borboleta tem estas asas. E também porque tem isto (Dd negro sup. central). (?) É o pescoço... Eu também achei que esse aqui, não só aqui (Dd inf. central) é o rabo. E penso também porque quando penso na borboleta, é só assim.	G(bl) F + A
III 7 - É uma pessoa (l) > Uuu + 8 - É um cão.	É só a cabeça e também o pescoço (G). (D negro "corpo" sem "pemas" no D negro "pessoa")	Choque Cor G(bl) F - Hd D F - A

9 - É um cavalo.	Porque aqui parece o cã. (D "pé" no D negro "pessoa") Só o pé do cavalo.	D/G F - A →Ad
10 - Faz-me lembrar um bol.	(D negro "corpo" no D negro "pessoa") É o peito do bol, só aqui.	D/G F - A →Ad
11 - É um porco... (não há respostas certas nem erradas.) ... Parece um cavalo.	(D "pé" no D negro "pessoa") Porque também parece o pé do porco.	D/G F - A →Ad
12 - Parece uma girafa.	Porque girafa também tem comprido! (?) Só o pescoço! (D "pescoço" no D Negro "pessoa").	Dd/G F - A →Ad
IV Um>Um 13 - É uma lenha.	(Dd/G) Porque tem aqui assim e aqui! (Dd sups.)	G F - A
14 - É uma caramujo (?) Parece um caracol. + É um caracol.	(Mostra o D central tapando a restante mancha com as mãos).	D F - A
V 15 - De um pássaro.	Porque tem estas pernas. Eu tenho assim e é um pássaro (D) e o pé. (Olha obliquamente o cartão).	G F + A. Ban
16 - Também me faz pensar de um falcão.	É um bicho, leva no bico os pimentinhos. Pega e leva. (?) Eu gosto dele no ar, mas não gosto dele quando ele desce.	G Kan Clob A
17 - Uma gaivota. Falcão... (Olha obliquamente o cartão).	(G) É o pássaro é mais giro e não faz mal, é mais giro.	G F + A →Clob
VI 18 - Uma mosca.	Porque só a cabeça (Dd sup. central) aqui. Parece uma mosca.	D/G F - A
19 - Uma borboleta (tom de voz admirado)! É uma borboleta. Parece uma mosca. É uma borboleta. Eu acho que é uma borboleta... É! Mosca não é!	Porque o corpo da borboleta (todo o D inf.) parece ser como este.	D F - A
VII + (Olha sério e atentamente) 20 - É um cão. É um cão. 21 - Parece uma abelha. É um cão.	Porque só tem as orelhas, duas (G). (D inf.) ADICIONAL: Também me faz lembrar um	Eq. Choque D/G F - A D F - A →Kan

	<i>canguru. (?) Porque o canguru tem essa parte aqui em cima (D sup. "orelha"), e também tem essa cabeça, mas o corpo não.</i> [D/G F - Ad] →Kan	
VIII 22 - <i>É um rato > ... Uuu É um rato.</i> (Repete e acentua o que diz. Dá-me o cartão).	(D rosa lat.) <i>Eu vejo aqui e parece um rato.</i> ADICIONAL: <i>E também me faz lembrar uma borboleta, também aqui (D rosa + D laranja inf.). (Cor?) Fazia, porque a borboleta são várias cores.</i> [G F ⁺ C A]	D F + A Ban
IX 23 - <i>Parece uma flor... Parece uma flor.</i>	(G) <i>Porque isto são verdes (D verde). É as folhas. E aqui também me faz lembrar de uma flor também (D laranjas), estas aqui são os ramos (Dd nas extremidades dos D laranjas).</i>	G F ⁺ C Bot
X 24 - <i>É uma aranha. É a que anda pelas paredes... que faz uma coisa assim (gesto com as mãos fumando riscos), que se tem de tirar.</i> 25 - <i>É um mosquito.</i> (Repete duas vezes).	<i>Porque eu vejo essa parte toda (D azul).</i> <i>Porque quando também penso na aranha é mesmo assim parecido.</i> (D azul). O mesmo.	D Kan A Ban D F - A

Prova das Escolhas:

Escolhas + :

VII - Porque eu gosto de um canguru. Também gosto de ver um cão.

V - Porque eu gosto de pássaro. Porque eu gostei do pássaro. (E do falcão?) Gostei. (Só no ar, não é?) Sim!

Escolhas - :

VI - (Antes tinha retirado momentaneamente o cartão IV e exclamado: - «Caracol eu gosto!» - Trocou-o de imediato pelo cartão VI.) Porque eu não gosto de aqui (aponta filete no eixo central do D sup.). Faz-me lembrar uma minhoca.

X - Eu não gosto porque é aranhas.

Psicograma

R=25

Recusas=0

Escolhas +: V e VII

Escolhas -: VI e X

G=18 (72%)

F=20

F+=4

F-=16

F±=0

A=23

Ad=0

Ban=4 (I, V, VIII, X)

D= 7 (28%)

K=0

Kam=2

FC=1

F Clob=2

H=0

Hd=1

Bot=1

M. A. G. D

F%=84% 77

F+%=29% 11

F%=100% 77

F+%=40% 11

TRI: 2K / 0,5Σ C

Introversivo Misto

RC%=16% 11

A%=92% 77

H%= 4% 11

Elem. Qualitativos:

Eq. Choque: VII

Choque Cor: III

Choque Inicial: I